

# Saberes e experiências na (da) cidade: arte, cultura e formação de professores

*Knowledge and experience in (of) the city: art, culture and teacher training*

FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO\*

Artigo submetido a 12 de abril 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

\*Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Rua José Lourenço Kelmer — bairro São Pedro, Juiz de Fora. CEP: 36036-900 MG — Brasil. E-mail: francioneoliveiracarvalho@gmail.com

**Resumo:** O artigo descreve e analisa um percurso pedagógico realizado na disciplina chamada Saberes Escolares em Artes Visuais, oferecida no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFJF, instituição localizada no estado de Minas Gerais, Brasil. A proposta visou despertar as sensibilidades dos futuros professores para os saberes e as experiências que ora são reveladas ou apagadas na cidade, camadas de subjetividades, histórias e afetos que podem ser disparadoras para a criação docente, a fruição estética e poéticas próprias.

**Palavras-chave:** formação de professores / ensino da arte / cidade / saberes e experiência.

**Abstract:** *The article describes and analyzes a pedagogical journey carried out in the class called School Knowledges in Visual Arts, offered to the Visual Arts undergraduate students at the Federal University of Juiz de Fora, located in the state of Minas Gerais, Brazil. The proposal aimed to awaken the sensibilities of future teachers to the knowledges and experiences that are either revealed or erased in the city, layers of subjectivity, stories and affections that can trigger teaching creativity, aesthetic enjoyment and their own poetics.*  
**Keywords:** *teachers' formation / art teaching / city / knowledge and experience.*

## Introdução

É necessário reconhecermos que as cidades exercem funções pedagógicas para além de suas tarefas econômicas, sociais e políticas tradicionais. Nessa perspectiva, elas compõem redes de possibilidades educativas que as recolocam na relação com os outros espaços de educação, tal como a escola e a universidade. O conceito de comunidade de aprendizagem, assim como o de cidade educadora podem ajudar a ampliar nossa compreensão de educação e de formação de professores. Pois reinventam a escola e a cidade e, nelas, a comunidade como lugar de convivência, de diálogo, de aprendizagens permanentes reconhecendo a diversidade cultural e artística dos centros urbanos como centrais na mediação cultural e na afirmação da cidadania.

Assim, esta comunicação pretende refletir sobre o potencial educativo das cidades na formação dos professores de Arte e de como esta experiência ampliam os seus conceitos sobre a arte e a cultura. Apoiar-se nos estudos e nas práticas interdisciplinares vivenciadas pelos alunos e alunas matriculados(as) na disciplina de *Saberes Escolares em Artes Visuais* da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Juiz de Fora, localizada no interior do estado de Minas Gerais, Brasil.

A grande maioria dos estudantes que chegam a Licenciatura em Artes Visuais ainda questionam suas escolhas e a decisão de tornar-se professor (a). Portanto, a disciplina de *Saberes Escolares em Artes Visuais* propõe um diálogo com as experiências que cada um traz da escola, da academia, dos primeiros contatos com a arte e os primeiros mediadores deste processo, ao mesmo tempo em que procura despertar um olhar mais amplo das manifestações artísticas, culturais e dos processos educativos em suas diferentes modalidades e espaços.

### 1. Atividade proposta na disciplina Saberes Escolares em Artes Visuais

Essa comunicação é baseada em uma das atividades vivenciadas pelos(as) estudantes matriculados(as) nessa disciplina que teve como objetivo estimular uma leitura crítica da cidade, percebendo-a como disparadora de processos educativos e investigativos em arte e cultura. Outro objetivo desejado foi o de que os futuros professores e professoras percebessem suas próprias produções artísticas/investigações estéticas como estímulos para percursos educativos na escola.

O trabalho foi iniciado com a leitura, o debate e curadoria artística promovida a partir de três textos: 1. *A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica*, de Rita Irwin; 2. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*, de José Guilherme Cantor Magnani, 3. *Mediação Cultural: Expandindo conceitos entre territórios de Arte&Cultura*, do Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas (Mackenzie/SP).

A partir de um pensamento rizomático, o estudo de campo realizado pelos alunos e alunas se moveu em diferentes *territórios da arte & cultura*. A composição desses territórios, como apontam Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (2012) oferecem diferentes direções para o estudo da arte, tal qual o traçado de uma cartografia, um mapa de possibilidades, com trânsito por entre os saberes e articulando diferentes campos. Os territórios explorados a partir da exploração etnográfica da cidade de Juiz de Fora são o da mediação cultural, o patrimônio cultural, a materialidade, o processo de criação, a cultura visual, a interculturalidade, a inclusão, a apreciação estética, a tecnologia e o mundo do trabalho.

A urbanização e o planejamento das cidades, a arte urbana, os diálogos culturais, o patrimônio e a mediação cultural, a invisibilidade das questões étnicas e de gênero, centralizaram tanto o estudo de campo quanto os trabalhos que partiram dele, a criação de percursos pedagógicos, obras artísticas e projetos de intervenções urbanas. As produções realizadas discutem os conflitos e as experiências vivenciadas na cidade e nos ajudam a refletir sobre a utilização do espaço urbano e as formas de potencializar seu uso. Diferentes materialidades e processos de criação que ajudam a perceber como os futuros professores de Artes Visuais se relacionam com o território onde vivem e os possíveis impactos dessa relação em suas investigações artísticas.

A cidade de Juiz de Fora, distante 283 km de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais foi fundada em 1850. Este período corresponde ao final do Ciclo do Ouro e o início da expansão cafeeira movida pelo trabalho escravo de negros e crioulos que naquela época correspondiam a mais de 60% da população local. A cidade nasceu no mesmo ano do fim do tráfico de escravos. A proibição, no entanto, não arrefeceu o comércio humano para o trabalho forçado e Juiz de Fora tornou-se importante entreposto comercial de escravos dada a sua proximidade com a corte imperial instalada na cidade do Rio de Janeiro. Com a derrocada final do comércio escravo em 1888 e a chegada dos imigrantes europeus para o trabalho nas grandes lavouras de café, a cidade viveu o seu auge econômico entre o final do século XIX até 1929 devido a uma rápida industrialização e consolidação de um sistema financeiro-bancário de forte impacto não só na região, mas em todo o estado de Minas Gerais. A grave crise econômica vivenciada em todo o mundo após a queda da Bolsa de Valores de Nova York fez com que a cidade precisasse se reinventar e diversificar sua economia, estratégia que marca Juiz de Fora na contemporaneidade. Com quase 600 mil habitantes a cidade é movida economicamente pela prestação de serviços, tendo nesse contexto a Universidade Federal de Juiz de Fora, fundada em 1960, um importante papel, seguida das atividades industriais e agrícolas.



**Figura 1** · Alunos observam o centro urbano da cidade de Juiz de Fora/MG num estudo de campo noturno. Foto: própria.

**Figura 2** · Aluno realizando registros fotográficos sobre as práticas culturais e sociais de moradores de Juiz de Fora/MG. Foto: própria.



**Figura 3** · Vendedora de artesanato andino na Rua Halfeld, centro de Juiz de Fora/MG. Foto: própria.

**Figura 4** · Alunas observam os refletores subterrâneos colocados para iluminar o antigo Paço Municipal da cidade. Foto: própria.

**Figura 5** · Atlântico (2013), Arjan Martins. Foto: <http://www.premiopiqa.com/pag/artistas/arjan-martins/>

Esse pequeno recorte da história de Juiz de Fora é importante para que possamos compreender as questões trazidas pelos estudantes após vivenciarem o percurso pelo centro da cidade e como a urbanização da cidade revela escolhas e apagamentos. Uma cidade é composta por memórias sobrepostas que desvendam relações de força, conflitos e institucionalizações de narrativas. Portanto, o trajeto percorrido pelos alunos e alunas indicam uma construção de memória local que não pode ser encarada como única porque muitas são as experiências e subjetividades não contempladas e reconhecidas.

O trabalho de campo foi iniciado na Praça Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, nome de um importante político nascido em Barbacena, cidade próxima de Juiz de Fora, que atuou em diversos cargos tanto estaduais quanto federais. Na praça há o imponente prédio da antiga fábrica de tecidos Bernardo Mascarenhas e hoje centro cultural. O percurso contemplou ainda a Praça João Penido, nome de um político local do século XIX. Ela é conhecida pela população como Praça da Estação devido a Estada de Ferro Dom Pedro II, construída em 1875. É ali que se inicia a rua mais importante e popular da cidade, a Halfeld, batizada em homenagem ao engenheiro alemão Heinrich Willhelm Ferdinand Halfeld (1797-1873).

A Rua Halfeld possui muitas lojas, bares, um cinema, tornando-se por isso um dos locais mais disputados para os vendedores ambulantes e o comércio de rua. Ela abriga ainda o mais importante teatro da cidade, o Cine-Theatro Central, construído no estilo Art Déco e inaugurado em 1929; o Museu do Crédito Real, de estilo eclético onde também predominam traços Art Déco; o antigo prédio do Paço Municipal, inspirado na arquitetura neoclássica; e o Parque Halfeld, que segue a mesma tendência arquitetônica em seus chafarizes, placas, monumentos e bustos de membros da família Halfeld e de políticos históricos da cidade.

É importante registrar que ao longo do percurso de 3 km as duas referências da presença negra na cidade se dão a partir de duas esculturas em bronze de escravos com ferramentas de trabalho, ambos colocados num nível abaixo de seus “proprietários”. E a total ausência de referências aos grupos indígenas que habitavam a região antes da chegada dos portugueses no Brasil, além do silenciamento a respeito do envolvimento das mulheres na história local.

Apoiando-se em alguns procedimentos da etnografia urbana, os estudantes realizaram observações, registros fotográficos, audiovisuais e sondagens com transeuntes que os ajudaram a perceber a dinâmica espacial e humana do território vivenciado. O percurso foi realizado numa segunda-feira à noite, das 18 às 22 horas, correspondendo ao horário curricular da disciplina de *Saberes Escolares em Artes Visuais*. Três foram as razões para que a atividade de campo fosse

realizada nesse período: o primeiro é que muitos estudantes retornam às suas cidades natais aos finais de semana, principalmente os que vieram de cidades da Zona da Mata, região à qual pertence Juiz de Fora. O segundo é que os estudantes que moram próximos ao campus da UFJF costumam participar aos finais de semana de coletivos diversos, principalmente os ligados às questões de gênero, etnia, educação ambiental e do campo ou organizações políticas mais tradicionais. E o terceiro motivo foi o de valorizar e reconhecer a ocupação de outros espaços para o processo de ensino-aprendizagem (Figura 1 e Figura 2).

Na semana seguinte ao estudo de campo, os alunos e alunas apresentaram em sala de aula um recorte de suas observações, registros e questões para serem problematizadas a partir de suas primeiras reflexões sobre a experiência vivenciada. O formato dessa socialização foi livre, alguns mostraram os resultados com pequenos filmes documentais, videoarte e produções visuais. No entanto, a maioria trouxe uma apresentação em Power Point com fotografias e áudios. Após assistirmos às apresentações dos 48 estudantes, os registros revelaram muitas questões em comum:

- A desvalorização da cidade como lugar de encontro em detrimento da cidade como lugar de passagem, trânsito, fugacidade. A falta de bancos, lugares de acolhimento e socialização faz com que as pessoas não percebam o entorno, nem os outros que ocupam o mesmo espaço.
- A perpetuação de uma memória oficial e institucional que não contempla atores sociais não pertencentes ao poder constituído. O apagamento da memória negra, indígena e a falta de políticas públicas que deem visibilidade a essas populações.
- O distanciamento da memória revelada pelo patrimônio artístico-cultural com o cotidiano das pessoas, o que provoca um não-pertencimento dos moradores com o território onde vivem. As entrevistas com os transeuntes revelaram que as pessoas não sabem quem são os retratados nos monumentos, as personalidades que dão nome as ruas, aos logradouros públicos e suas relações com a história da cidade.
- A constatação que o centro da cidade, por ser local de trânsito e mobilidade para bairros mais distantes, reúne uma diversidade étnica e cultural não contemplada em bairros centrais ou de regiões mais abastadas. Como também vendedores urbanos de origens variadas (Figura 3).
- A cena urbana muda dia e noite e a iluminação artificial noturna é falha, criando situações diferentes de apreciação e percepção do



**Figura 6** · Azulejos de papel (2007-2011), Coletivo Poro. Belo Horizonte.

Fonte: Site Oficial do Coletivo Poro: <http://poro.redezero.org/azulejos/>

**Figura 7** · Da série Sereia (2016), Renata Dorea, Juiz de Fora. Foto:

Facebook da artista: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1392493320814914&set=t.100002508951635&type=3&theater>





**Figura 8** · Origem (2016), videoperformance de Matheus Assunção. Foto: facebook do artista: <https://www.facebook.com/matheus.assuncao.56>

**Figura 9** · Sem título (2016), Nickolas Brandão. Intervenção urbana em Juiz de Fora que também sofreu ação de intervenção de morador anônimo da cidade. Foto: Acervo do artista.

**Figura 10** · Ex Votos (2016), Francisco Brandão. Intervenção urbana em Juiz de Fora. Foto: <http://www.tribunademinas.com.br/intervencao-coloca-20-mil-penas-de-gesso-no-calçada/>

espaço urbano. Ilumina-se o ambiente à noite para alcançar certos objetivos sociais ou econômicos, que incluem segurança, apoio ao desenvolvimento, destaque às áreas históricas ou espaços verdes públicos (Figura 4). Entretanto, a falta de iluminação adequada faz com que parte da cidade se torne território fantasma e povoado por um imaginário violento e agressivo.

- O território da cidade enquanto espaço subjetivo que dialoga com o tempo e o espaço, criando regras invisíveis (porém presentes); ações efêmeras e marcas visuais são realizadas por artistas, ativistas ou anônimos.
- A relação conflituosa entre a paisagem natural e a paisagem urbana.

## 2. Curadorias de imagens: pensando a cidade e processos de criação

Após as apresentações e as discussões levantadas, os alunos foram reunidos em grupos a partir de focos de interesses e instigados a pensar em artistas visuais que os ajudassem a refletir sobre as questões propostas, criadores que trouxessem em suas poéticas possibilidades de ampliação da leitura da cidade, do espaço urbano e da arte. Os focos de interesse e os respectivos artistas visuais escolhidos foram: interculturalidade (Arjan Martins (Figura 5), Zózimo Bulbul, Alexandre Serqueira, Angélica Dass), tecnologias (Sanford Biggers, Eduardo Kac, Laura Ramirez, Francisco Barreto) patrimônio cultural (Coletivo Opavivará, Coletivo Poro (figura 6), Oscar Niemeyer, Dalila Gonçalves) paisagem natural x urbana (Roberta Carvalho, Richard Serra, JR) cultura visual (Arilin Cristiano, Eduardo Srur, Andrea Bandoni) e gênero (Carol Rossetti, Criola, Yasmin Thayná).

Foi sugerido também que pensassem dentro do possível como suas criações pessoais dialogavam com os diversos temas observados no estudo do campo e os artistas escolhidos. Assim, foi feito o convite para que na aula seguinte mostrassem para a turma um pouco de suas produções pessoais. Aqui destaco o trabalho de uma aluna e três alunos: Renata Dorea, Matheus Assunção, Nickolas Garcia e Francisco Brandão. Esses quatro jovens artistas possuem investigações que dialogam com os territórios abordados, possuem um vocabulário expressivo que demonstra continuidade de pesquisa estética, apresentam interessantes soluções formais para suas obras e encontram reconhecimento ora por parte da crítica ora pelos seus próprios pares.

Renata Dorea (Figura 7) é cineasta, grafiteira, ilustradora e artista visual que problematiza os imaginários relacionados à mulher brasileira, principalmente a afrodescendente. Sua série *Sereias* está presente em diversas cidades brasileiras. Matheus Assunção (Figura 8) privilegia as artes híbridas e discute em

videoperformances o binarismo de gênero e a ancestralidade africana. Nickolas Brandão (Figura 9) tem a cidade como suporte privilegiado de suas criações, intervenções urbanas que promovem diálogos entre a tradição e a ruptura na história da arte e a ressignificação do espaço público. Francisco Brandão (Figura 10) cria grandes intervenções artísticas na cidade, dialogando com a memória e a religiosidade local. Sua obra *Ex-Voto*, do latim "voto realizado", realizada na cidade de Juiz de Fora em 2016 foi composta por 20 mil penas de gesso confeccionadas artesanalmente pelo artista durante mais de um ano e colocados no chão da Rua Halfeld criando um longo e delicado tapete.

### Conclusão

Cada grupo criou um mapa de imagens a partir do que foi levantado ao longo da proposta, tecendo diálogos entre o trabalho de campo, os artistas contemporâneos escolhidos e obras de integrantes do grupo relacionadas as temáticas. O mapa foi o ponto de partida para a criação de possíveis intervenções pedagógicas direcionadas aos alunos do Ensino Médio. Da experiência surgiram propostas de criações de *role-playing games* que problematizam a sustentabilidade das cidades e valorizam o patrimônio cultural; criação de coletivos artísticos femininos e *queer*; oficinas de grafite e stencil graffite; criações visuais a partir da Glich Art; ações e intervenções que objetivam revitalizar os espaços públicos; ensaios fotográficos de personalidades importantes para a cultura popular local entre outras interessantes propostas.

Ampliar o repertório de imagens e de referências dos alunos a partir da arte contemporânea; conhecer melhor a cidade onde vivem e pensá-la como disparadora de processos educativos e artísticos; perceber a pesquisa, o ensino e a produção de arte como uma prática possível a ser vivenciada em suas futuras carreiras docentes foram alguns dos objetivos que acredito terem sido alcançados. Entretanto, a formação de um artista/pesquisador/professor é algo sempre inacabado e que sempre dialogará com a incerteza. Incerteza do acerto, do erro, do término, da continuidade, do que se foi ou do que ficou neles, em mim, em nós, em você que lê agora este texto.

## Referências

- Irwin, Rita (2008) "A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica". *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. Barbosa, Ana Mae & Amaral, Lilian. São Paulo: Editora Senac São Paulo. ISBN: 978-85-7359-762-2
- Magnani, José Guilherme Cantor (2002) "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ISSN 1806-9053. Vol. 17 (49): 11-29.
- Martins, Mirian Celeste & Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas (2011) "Mediação Cultural: Expandindo conceitos entre territórios de Arte&Cultura": *XXI CONFAEB – Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil – Culturas da pesquisa: arte, educação, tecnologia, 2011, São Luís*. Sem ISBN.
- Martins, Mirian Celeste & Picosque, Gisa (2012) *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios. ISBN 978-85-64586-23-9